

Mata Cavalo: o negro e a identidade quilombola no mundo globalizado

Silvânio Paulo de Barcelos*

Resumo: Este artigo discorre sobre questões de africanidade, negritude e os processos de manutenção da identidade quilombola na comunidade do Quilombo Mata Cavalo localizadas no município de Livramento – MT. Assentados naquela localidade a mais de cento e vinte anos os descendentes dos escravos que herdaram essa área de terra resistem, ainda hoje, à pressão dos fazendeiros daquela região pela disputa em torno da sua posse. Esta singular identidade possibilita pelas vias jurídicas a legitimação da propriedade das terras em litígio ao mesmo tempo em que coloca esses atores históricos no centro da convergência de seus próprios valores étnicos e culturais. Ao admitirem-se negros e ao mesmo tempo quilombolas assumem, numa certa medida, o controle de suas próprias vidas. Em pleno século XXI os integrantes dessa comunidade tradicional lutam pela preservação de uma memória afro-referenciada enquanto sonham conquistar seu espaço primordial, um espaço de negro, numa sociedade marcada por interesses difusos e pelo estigma da globalização.

Palavras-chave: Identidade, quilombola, diáspora, negritude, globalização.

Abstract: This article discusses issues of African, blackness and maintenance processes of identity maroon in community of Quilombo Mata Cavalo located in the town of Livramento – MT. Settlers in that area to over one hundred and twenty years, the descendants of slaves who inherited the land area resist, even today, of pressure from the farmers of that region by the dispute over the possession. This unique identity enables the legal channels to legitimate ownership of land in dispute at the same time as it makes these historical actors at the center of convergence of their own ethnic and cultural values. By admitting to black and descendant of slave at the same time assume a certain extent, control their own lives. In twenty-first century the members of this community traditional fight for the preservation of a memory african-referenced achieve your dream as a primary space, an area of black in a society marked by common interests and the stigma of globalization.

Key words: Identity, maroon, diáspora, blackness, globalization.



* **SILVÂNIO PAULO DE BARCELOS** é Mestrando em História pela Universidade Federal de Mato Grosso.



Apresentação do Grupo de Dança do Congo da Comunidade de Remanescentes do Quilombo Mata Cavalo em comemoração do dia da Consciência Negra – 20/11/2009. Acervo particular do autor.

O Atlântico Negro

Paul Gilroy defende a tese da necessidade de se pensar sobre uma cultura negra desenvolvida nos dois lados do Atlântico. Este conceito explica a experiência vivida pelos povos que, embora separados pela distância física estão unidos pela simetria cultural que os identificam, possibilitando outras interpretações dessa espécie de consciência negra coletiva trans-territorial. Segundo Gilroy (2001, p. 13)

As culturas do Atlântico Negro criaram veículos de consolação através da mediação do sofrimento. Elas especificam formas estéticas e contra-estéticas e uma distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam a genealogia da geografia, e o ato de lidar com o de pertencer.

Conicionados ao sofrimento inevitável pela perda, dor e a distância essas culturas desenvolvidas no circuito transatlântico criaram mecanismos de consolação, apoiando-se em valores estéticos e simbólicos construídos por intermédio da recordação que se consolidaram na memória coletiva perpetuando-se através das gerações. O mundo ancestral criado pelas vias da imaginação coletiva constitui patrimônio imaterial de considerável importância para a manutenção do *ethos* e dos signos culturais que identificam um determinado grupo em sua singularidade.

Quando somos desapropriados de nossos lugares de origem criamos mentalmente um território conceitual que entra para o imaginário coletivo como o lugar ideal concebido a partir dos mecanismos da recordação

transmitida pela cultura oral de geração a geração. No mundo idealizado e recriado a partir da oralidade no interior das comunidades do Atlântico Negro a África, desde os movimentos de dispersão de africanos escravizados, constitui-se na fonte de inspiração primordial para essas culturas negras. Não se trata objetivamente do território geográfico, e sim da apropriação coletiva de um conjunto de elementos míticos e imaginários. De acordo com Pinho (2004, p. 27):

A África da qual se fala aqui não é o imenso continente africano, que abriga dezenas de diferentes países e centenas de diferentes povos. É uma África que pode até ser muitas Áfricas, mas que permanece uma. África que é tribal, vinculada ao passado e aos ancestrais, mas que seria sobretudo fiel aos seus descendentes, quer estes habitem ou não em suas terras, pois o que importa é que a África, possuindo a totalidade indivisível de um signo, resida no campo fértil e criativo dos imaginários afrodescendentes.

Stuart Hall, um dos expoentes da teoria cultural, utiliza o conceito “diáspora negra” para explicar o universo compreendido pela experiência dos Africanos que foram desterritorializados em seus lugares de origem. Jamaicano de classe média, Hall viveu as contradições culturais provocadas pelo conflito entre o local e o imperial no contexto colonizado da Jamaica, um mundo social marcado nitidamente por políticas ideológicas de branqueamento racial. Em 1951 mudou-se para a Inglaterra para estudar em Oxford, onde mais tarde filiou-se à “Nova Esquerda Inglesa”. Com a maturidade intelectual entendeu sua condição de ser-no-mundo, conhecendo intimamente os dois lugares – a Jamaica e a Inglaterra - percebeu que na verdade não pertencia a nenhum deles, “e esta é exatamente a

experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma chegada sempre adiada” (HALL, 2003, p. 415).

A impossibilidade de se voltar para casa marca profundamente todas as pessoas que saem de seus lugares de origem para habitar outras regiões, influenciando a formação de suas identidades. Esse autor identifica uma nova conformação cultural e aponta que “de uma forma curiosa, o pós-colonial prepara o indivíduo para viver uma relação pós-moderna ou diaspórica com a identidade” (HALL, 2003, p. 416). Segundo ele a experiência diaspórica teve sua origem na bíblia que narra a recuperação de uma terra já habitada por mais de um povo. Ele relaciona vários pontos em comum entre a Diáspora Judaica e a Diáspora Negra, entre eles a experiência de sofrimento, exílio, cultura do livramento e da redenção. Isso explica em larga medida porque os seguidores do movimento Rastafári¹ usa a bíblia, pois ela “Conta a história de um povo no exílio dominado por um poder estrangeiro, distante de casa e do poder simbólico do mito redentor” (HALL, 2003, p. 417). Sem

¹ No final dos anos 1960, à margem economicamente do sistema capitalista, muitos Rastas procuraram sua subsistência financeira através da arte, particularmente o artesanato, tornando-se habilidosos em esculpir peças inspiradas em motivos africanos. Mas, onde a cultura Rasta se propagou, tanto na Jamaica quanto no mundo ocidental, foi na música, com o surgimento de um novo estilo, o Reggae. Em sua origem o Reggae é o Ska, um ritmo frenético ao som de instrumentos metálicos inspirados na *Black music* americana deste mesmo período histórico. No final desta década, o Ska agora mais lento, originou o Rocksteady. Com a inserção da percussão africana acrescida de batidas da guitarra no estilo Rock, no início da década de 1970 o antigo Rocksteady passa a se chamar Reggae.

dúvida o que marcou de forma indelével o rastafarianismo foi o fato de ter tornado definitivamente negra a Jamaica, descolonizando as mentes. “Como todos os movimentos, o rastafarianismo se representou como um retorno. Mas, aquilo a que ele nos retornou foi a nós mesmos. Ao fazê-lo produziu a África, novamente, na diáspora”. (HALL, 2003, P. 417).

Outro fator essencial na formação da identidade diaspórica relaciona-se com os processos de transculturação, onde grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam novas identidades, readaptando-se às condições do meio, a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura dominante nas chamadas zonas de contato culturais. Tal como no sentido atribuído por Stuart Hall à identidade diaspórica o conceito de identidade, segundo Zigmunt Bauman, surgiu devido à crise do pertencimento e do esforço em se consolidar enquanto individualidade num local em constante mudança, recriando sua própria realidade ao nível da idéia. De acordo com Bauman (2005, p. 26), “a identidade só poderia ingressar na *lebenswelt* – conceito de vida no mundo humano na sua auto-definição e experiência – como uma tarefa ainda não realizada, incompleta, um estímulo, um dever e um ímpeto à ação”.

Paul Gilroy utiliza-se do conceito “Dupla Consciência” desenvolvido por W. E. B. Du Bois, para analisar os processos culturais de formação da identidade nas comunidades do Atlântico Negro. Du Bois, sociólogo e historiador, ansiando dar uma conotação mundial às experiências pós-escravidão dos negros ocidentais, projeta as concepções assimétricas de raça, nação, cultura e comunidade desvelando a dualidade filosófico-

cultural do negro nos Estados Unidos da América: o ser americano e negro. Ao desenvolver essa questão fundamental produz um conceito capaz de elucidar a experiência dos povos no contexto histórico da pós-escravidão. Essa teoria discute a edificação e a plasticidade das identidades negras, emergindo das experiências de deslocamento e reterritorialização, que por sua dinâmica singular redefine o sentimento de pertença à um determinado lugar. Assim, a diáspora negra desloca a seqüência dos pontos de explicação entre lugar, posição e consciência, rompendo a predominância do território na formação da identidade desenraizada, desterritorializada e profundamente marcada pelo viés de uma cultura em constante mutação, em oposição à idéia de uma cultura pretensamente fechada. “Sob a idéia-chave da diáspora, poderemos ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. (GILROY, 2001, p. 25).

Terras do Quilombo: um espaço de negros

A terra funciona como catalisadora do sentimento de pertença a um determinado território onde, por ela e a partir dela esses negros constituem-se enquanto comunidade afro-referenciada. Historicamente, seus ancestrais fincaram neste pedaço de terra suas raízes, construindo através delas os elementos culturais de suas identidades singulares, o ser negro e quilombola. O modo peculiar de vida dos membros desta comunidade, seus costumes, a religiosidade, os aspectos da vida comunitária, o culto às tradições herdadas dos seus ancestrais e o esforço na manutenção de suas identidades

produzem o que se poderia denominar territorialidade étnica, edificando-a enquanto território real e simbólico, simultaneamente.

Impossível dissociar essa comunidade do seu espaço geográfico primordial. O chão, expressão de sonhos e possibilidades, que muitas vezes foi irrigado com o vermelho tom da intolerância, testemunha o vigor e a determinação dos homens, mulheres e crianças gerados na mais pura têmpera dos ideais da resistência, criando e recriando constantemente um modo de vida peculiar. Esse mundo dinamicamente dividido entre o velho e o novo conserva a “aura da negritude” de seu universo quilombola cultivando tradições que vão se obliterando sem, contudo, perder sua essência primeira, uma essência que não é somente africana, mas afro-brasileira, resultante do encontro de etnias e do caráter híbrido de sua sociedade. Segundo Haesbaert (2006, p. 344), “teríamos vivido sempre uma multiterritorialidade”, onde percebemos que em toda relação social há uma implicação, uma interação territorial, um entrecruzamento de diferentes territórios. Nesse quadro sócio cultural o indivíduo vive ao mesmo tempo ao seu nível particular, ao nível da sociabilidade entre seus familiares, do seu grupo social, e da sua própria comunidade. A dinâmica das transformações sociais e culturais em consequência do estado de violência e instabilidade pela disputa da posse das terras do Quilombo determinam, num certo grau, não a crise mas a própria constituição da identidade do grupo, como Bauman aponta em seus tratados teóricos. Para ele o próprio conceito “identidade” nasce em função da crise de pertencimento e da necessidade de se adaptar criando novas identidades. Toda uma tradição herdada das senzalas

reflete no cotidiano dessa comunidade que ao rebuscar os elementos culturais de uma possível essência africana recriam seus modos de vida na diáspora, ressignificando seu espaço e delimitando-o como um território de negro, um mundo conceitual quilombola.

O quilombola e a globalização.

Discutir a situação social e política do Quilombo Mata Cavalo é confrontar o antigo e o novo numa interação dialética entre a tradição, que se quer estática, e a mudança que oscila entre desejo e conformação. A tradição, portanto, constitui-se no grande objetivo a ser consolidado por essa comunidade que se utiliza de todos os meios disponíveis para a sua manutenção, quer recuperando antigos elementos constitutivos da tradição afro-referenciada, quer reconstruindo novos elementos culturais que permitam perpetuá-la. Entretanto, a necessidade de subsistência econômica leva parte dos seus integrantes, em sua maioria jovens, a procurar sua inserção no mundo do trabalho, geralmente nos meios urbanos onde buscam a realização de sonhos de independência financeira e reconhecimento social.

Uma das características principais da globalização é o estado de contínuo movimento em que o mundo se encontra, produzindo desequilíbrios e alargando o fosso que separa ricos de pobres. Segundo Bauman (1999, p. 8), “Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis.” Essa noção de movimento polariza a balança do poder aumentando a capacidade de operação dos que são globalizados, estendendo as fronteiras de seus domínios ao mesmo tempo em que aumentam o nível de exclusão social

dos localizados. “Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social” (BAUMAN, 1999, p. 8). Nesse contexto globalizado a mobilidade constitui-se na peça chave com a qual os privilegiados da sociedade combinam os fatores essenciais hegemônicos dominando o mundo dos negócios, das finanças, do comércio e de controle dos fluxos de informações. A falta da mobilidade estratégica, a redução à condição de “local” são os fatores que determinam a exclusão social de pobres no mundo contemporâneo promovendo um estado de insegurança e incertezas.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela comunidade, o caráter intrínseco de sua sociedade tradicional faz com que todos os seus componentes busquem na ressignificação de antigas tradições de origem africana, o caminho que permita situá-la no interior do universo de representação quilombola. A Dança do Congo é uma das manifestações culturais que mais exemplificam a força dessa tradição ancestral. Em Nossa Senhora do Livramento essa dança foi uma tradição importada historicamente da antiga “comunidade dos pretos”² do Mata Cavallo. Essa dança, ensinada e praticada na Casa São Benedito, naquela cidade, assume dimensão educacional empírica na medida em que resgata valores afro-referenciados do universo quilombola. Segundo Dantas (1995, p. 93):

O reconhecimento social do Congo como um conhecimento eminentemente negro, na perspectiva do processo ensino/aprendizagem, recupera para

os negros e para a sociedade, a identidade dos negros como sujeitos e como produtores de cultura. Como um fenômeno educativo de alcance étnico, apresenta o negro como concretude na sociedade local, regional e nacional; apreende sua existência como real e viva. Evidencia-se a possibilidade de ser-no-mundo – negro, com outros negros, com outros brancos. Uma forma de aprender a ser negro no arripio dos parâmetros racistas, mantendo uma saída para fora do vínculo do branqueamento e da integração da imagem branca do negro.

Obliterada quase em sua totalidade no passado a Dança do Congo foi retomada pela comunidade do Quilombo Mata Cavallo como parte das ações de recuperação de valores de sua cultura negra. Segundo depoimento de D. Tereza, presidente desta comunidade quilombola, ao autor desse artigo em 12 de setembro de 2008, toda forma de tradição é crucial para a sobrevivência da comunidade. Entre apertos de mão, abraços e saudações afetuosas a venerável matriarca, amavelmente, descrevia os pormenores da festa e da tradição religiosa de sua comunidade. De acordo com suas palavras “A religião nossa é coisa de nosso passado, então tudo isso é nosso futuro, é nossa lembrança e nossa recordação dos nossos antepassados.”

A consciência da necessidade de perpetuação da comunidade quilombola fica evidente quando D. Tereza afirma que “tudo isso é o nosso futuro”, isso é relevante na medida em que o futuro da comunidade se garante pelas vias da tradição ancestral do Quilombo. Muito além da questão subjetiva da preservação do universo quilombola, as tradições ancestrais conferem juridicamente a posse e propriedade da terra em consonância com as políticas

² Utilizamos essa expressão para indicar a forma como os integrantes do Quilombo Mata Cavallo eram reconhecidos pelos habitantes da cidade de Nossa Senhora do Livramento, de acordo com a tradição oral da região.

de terras da Constituição Federal de 1988, desde que produza em consequência, a manutenção de sua identidade conformada pela sociedade tradicional negra e quilombola. Não há como agregar maior ou menor valor à questão dos interesses dos remanescentes quilombolas entre a preservação da memória ancestral e a simples posse da terra. Ambas possuem grande valor objetivo e também simbólico, pois traduzem no tempo todas as lutas, anseios, sofrimentos, sonhos, ódios e amores que ultrapassaram as vidas de várias gerações mantendo viva a chama da tradição quilombola forjada no ideal da esperança.

Hoje a sociedade do Quilombo Mata Cavalo aguarda a decisão judicial que formalizará a definitiva propriedade de suas terras, herança de direito, herança de fato. Frente ao mundo convulsionado pela globalização esses quilombolas buscam a preservação do seu mundo, pois mantendo-se a tradição conserva-se a identidade que os une ao mesmo tempo em que os fortalece. Dessa forma a história que se projeta no presente determinará o destino da comunidade quilombola. De fato ao debruçarmos os olhos sobre o passado percebemos o caminho tortuoso percorrido, desde as senzalas, por homens e mulheres em constante luta pela sobrevivência, num processo contínuo de adaptação ao meio, utilizando-se do possível no movimento de resistência. Nesse contexto violento a terra forneceu o

amálgama que fixou as bases da identidade quilombola e o tempo se encarregou de forjar o ideal da negritude racionalizando o seu espaço primordial, o espaço de negro, uma África reterritorializada na diáspora.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** / Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DANTAS, Triana de Veneza Sodré e. **Educação do negro: a pedagogia do Congo de Livramento, MT**. / Triana de Veneza Sodré e Dantas. – Cuiabá: Instituto de Educação, 1995.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro : Modernidade e dupla consciência**. tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo; Ed. 34, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2ª. Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. organização Liv Sovik; tradução Adelaine La Guardia Resende... [et. al.]. – Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia** / Patrícia de Santana Pinho – São Paulo : Annablume, 2004.

SILVA, José Orlando Muraro, **Mata Cavalos: Escravos e proprietários de suas terras**. Artigo publicado no Informe ao X congresso de direito agrário – Quilombos.